

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A CIDADE NAS LENTES DO PASSADO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E FOTOGRAFICA DA ORLA DE OLINDA - PE (1970-2010)

**SERGIO LUIZ CARVALHO MOZDZENSKI JUNIOR
MESTRANDO PPGH/UNICAP
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
SERGIOMOZZJR@GMAIL.COM**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as transformações paisagísticas e urbanas na Orla da cidade de Olinda e os impactos no lugar, entre 1970-2010, tendo como base as fontes imagéticas e a História Oral. A escolha do recorte se deve ao fato de que, durante esse período, a orla sofreu modificações urbanas e sociais como o alargamento de avenidas, verticalizações, aterros e destruição de moradias. A análise imagética associada às entrevistas com os moradores nos permite adentrar no cotidiano desses indivíduos, que presenciaram tais eventos, a fim de discutir o modo com que estas transformações atingiram estes atores sociais no tocante a sociabilidades e memórias do lugar. Assim, o estudo das cidades desperta a atenção dos historiadores, de como podemos observar as formas de disputas sobre o espaço urbano e os vínculos afetivos que se estabelecem entre os moradores e as cidades. Consideramos importante a relação entre história e imagens para esta abordagem, motivo pelo qual contaremos com o suporte teórico de Peter Burke, Ulpiano Menezes, Boris Kossoy e Ana Maria Mauad. As fotografias analisadas estão disponíveis na Fundação Joaquim Nabuco, no Arquivo Público Municipal de Olinda e Arquivo Público Estadual, além do acervo de colecionadores.

PALAVRAS-CHAVES: CIDADE DE OLINDA, TRANSFORMAÇÕES NA ORLA, HISTÓRIA E IMAGENS.

1. As cidades nas lentes do passado: uma proposta de estudo.

Com o advento da terceira geração dos Analles, os historiadores passaram a contar com outros mecanismos para investigar o passado, sendo os registros fotográficos um exemplo, de modo que as imagens começam a compor uma fonte de pesquisa. Peter Burke cita a importância dada à fotografia, a partir dos anos 60, no que chama de virada pictórica:

Essa "virada pictórica" como a tem denominado o crítico americano William Mitchell, também é visível no cenário do mundo anglofônico. Foi no final da década de 1960, como ele próprio confessa, que Raphael Samuel e alguns de seus contemporâneos tornaram-se conscientes do valor de fotografias como evidência para a história social do século XIX, auxiliando-os a construir "uma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

história" a partir de baixo", focalizando o cotidiano e as experiências de pessoas comuns (BURKE, 2017, p.15).

As fotografias como fonte de pesquisa representam um universo rico e amplo para os historiadores, sendo fruto da ampliação das fontes documentais disponíveis. De acordo com Peter Burke em sua obra *Testemunha Ocular* (2004)

Nos últimos tempos, os historiadores têm ampliado consideravelmente seus interesses para incluir não apenas eventos políticos, tendências econômicas e estruturas sociais, mas também a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história da cultura material, a história do corpo etc. Não teria sido possível desenvolver pesquisas nestes campos relativamente novos se eles tivessem se limitado a fontes tradicionais, tais como documentos oficiais produzidos pelas administrações e preservados em seus arquivos (BURKE, 2004, p. 11).

Não tardou para que surgissem pesquisadores influenciados pelo estudo das imagens, no que diz respeito às suas representações, aspectos culturais e informações que o conteúdo imagético pode trazer para uma análise histórica. Na historiografia brasileira, destacamos a influência de Boris Kossoy, Ulpiano Menezes e Ana Maria Mauad. Assim, as fotografias acabaram se tornando um elemento presente na historiografia, sendo uma forma de o historiador dialogar e compreender os detalhes presentes nas imagens

Do mesmo modo que a análise dos jornais, como fonte de pesquisa, requer uma forma de embasamento, não devendo o pesquisador examinar o trecho do jornal no seu trabalho sem antes fazer uma discussão apropriada sobre o que se deseja estudar, o mesmo dizemos quando falamos de Fotografia e História: é importante que se compreendam as possibilidades que esta fonte nos possibilita, quando passamos a trabalhar com imagens. Peter Burke nos chama atenção para o fato de que:

Seria imprudente atribuir a esses artistas repórteres um olhar inocente no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo, tanto literalmente quanto metaforicamente, esses esboços e pinturas registram um ponto de vista. (BURKE, 2004, p. 24).

Ou seja, as imagens, quando analisadas, expõem uma representação de acordo com as lentes de quem as registrou, de acordo com os ângulos, conteúdos e foco presentes na fotografia. Cabe, dessa forma, ao historiador, adentrar neste universo e compreender as minúcias que se fazem presentes nas imagens, sem deixar de levar em conta a sua criticidade das fontes. Isso consiste em dizer que, observar uma fotografia em si, não significa apenas olhar a paisagem, mas compreender as representações imagéticas que se

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fazem presentes no que tange ao intuito, finalidade, o que ela retrata e para quem era produzida.

Destarte, também convém observar os fotógrafos que a captaram, sendo esta análise um importante ponto para a pesquisa que envolve as fotografias como fontes. Ana Maria Mauad chama atenção a tais detalhes, ao citar que:

O poder em cena necessita de atributos que o distingua das demais representações sociais, posto que “as manifestações do poder não acomodam bem com a simplicidade. A grandeza ou a ostentação, a decoração ou o fausto, o cerimonial ou protocolo geralmente as caracterizam” (Balandier, 1982, P.10). Neste sentido, o próprio ato de fotografar envolve um cerimonial com comportamentos definidos. O fotógrafo não está em qualquer lugar. Ele é chamado para atuar como “testemunha ocular” e seu testemunho tem o valor de prova irrefutável (MAUAD, 2013, p.14).

Do mesmo modo que Peter Burke e Ana Maria Mauad comentam sobre este elemento de se compreender “as lentes do observador”, Boris Kossoy reitera que:

Ao observarmos uma fotografia, devemos estar conscientes de que a nossa compreensão do real será forçosamente influenciada por uma ou várias interpretações anteriores. Por mais isenta que seja à interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto sempre conforme a interpretação primeira do fotógrafo que optou por um aspecto determinado, o qual foi objeto de manipulação desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento, até a obtenção da imagem final" (KOSSOY, 2012, p. 125).

Pode-se dizer que os estudos abrangendo Fotografia na historiografia têm despertado a atenção de inúmeros pesquisadores, sobretudo no Brasil. Além do campo político e da construção do poder, as imagens demonstram também registros das cidades, sendo esta parte um advento para se compreender como aquele espaço foi erguido conforme os interesses públicos. Assim, os estudos das cidades e fotografias fez com que historiadores passassem a enxergar a cidade como um lugar de memória, que protagonizava diversas cenas no cotidiano. Para Michel de Certeau, a cidade é um espaço “de movimentos contraditórios que vai além do poder, não sendo um campo de operações programadas e controladas, pois se proliferam astúcias e combinações de poderes sem identidades” (CERTEAU, 1994, p.102).

É importante que os historiadores se atentem aos detalhes e à análise contextualizada, para compreender a cidade, a fim de estabelecer a sua relação com a imagem. É o exemplo da cidade de Olinda, local que está em constante expansão urbana

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e econômica, o que gera prejuízo na orla, com o crescente avanço do comércio e da verticalização imobiliária. Não houve, pelo poder público, um interesse em preservar as características naturais do local ou dos seus casarões e monumentos históricos, porém de modificá-los, a qualquer preço. Some-se a isso empresas como a Romarco Construtora e AWM Engenharia Ltda, que encontram facilidade para construir arranha céus no litoral, com o objetivo de lucrar, sem preservar.

Com isso, as fotografias passam a compor registros vivos da memória. Este é um dos motivos pelo qual consideramos fundamental utilizá-las para fazer um estudo sobre as cidades, de modo que enxerguemos as transformações históricas, intervenções urbanas, sociabilidades e costumes dos indivíduos, dentro daquele recorte histórico. As cidades também são um lugar de enfrentamentos, disputas e resistências, que não estão invisíveis aos olhares dos moradores, muito menos à visão dos historiadores. Nas palavras de Georges Perec:

A cidade está aí. Ela é nosso espaço e não temos nenhum outro. Crescemos nestas cidades. É nas cidades que respiramos. Quando tomamos o trem, é para ir de uma cidade à outra. Não há nada de desumano em uma cidade, senão nossa própria humanidade (PEREC, 1974, p.85-86).

Tomando como base a relação entre História, Fotografia e Memória, pretendemos, em nosso trabalho, fazer uma análise fotográfica da orla de Olinda, de modo que permitamos comparar e identificar essas transformações no cenário urbano e cultural da região, ao longo dos anos. A justificativa pela escolha da cidade se deu por conta não somente das experiências pessoais do autor, como pelo fator acadêmico. Embora notemos a existência de trabalhos sobre a cidade de Olinda em si, abordando diferentes aspectos, desde sua economia à cultura, do período colonial à atualidade, ainda não havia se realizado um estudo que tratasse de maneira mais detalhada da orla de Olinda e suas contundentes transformações.

Com um amplo material à disposição, o pesquisador se sente motivado a realizar um trabalho que poderá conciliar a sua relação de afeição com Olinda, aliada as suas preocupações com as intervenções urbanas do seu litoral, com o interesse final de buscar a preservação da memória da cidade. Ao final do trabalho, nossa pesquisa terá o intuito de produzir um catálogo contendo fotografias e análises, com o apoio de relatos orais dos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

moradores, comerciantes e frequentadores da orla. Olinda, que se inicia na Praia do Del Chifre, passando pelas praias dos Milagres, do Carmo, do Fortim, Bairro Novo, Casa Caiada e Rio Doce, perfazendo um total de 9 km de Orla¹. Este trabalho se interliga com a Linha 2 do PPGH-UNICAP, *Sociedades, trabalho, cultura e memória*, local onde cursamos o Mestrado.

2. A CIDADE NÃO PARA, POIS SE ENCONTRA SEMPRE EM MOVIMENTO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E PAISAGÍSTICAS NA ORLA DE OLINDA (1970-2010)

A cidade de Olinda foi fundada no ano de 1537, sendo uma das principais cidades do Brasil Colonial, junto com a vizinha, Recife, que no século XIX passou a se tornar a capital de Pernambuco. Ainda assim, Olinda continua a ser lembrada pela riqueza de sua história e pela arquitetura e beleza de seu sítio histórico, cujo local a levou, no ano de 1982, a receber o título de Patrimônio Mundial Cultural pela Unesco. As mudanças históricas que atingiram Olinda também envolveram modificações no seu aspecto urbano.

O período entre 1950 e 1970 registra o momento em que a cidade passa por um crescimento demográfico significativo, que refletiu, nos anos seguintes, em alterações mais profundas de sua paisagem. De acordo com Elaine Nascimento, em sua tese de doutorado *Olinda: uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade* (2008), “nas décadas de 50 a 70 do século passado, Olinda experimentou uma nova onda de desenvolvimento e um grande crescimento populacional, uma “subida”, como descreveu Alexandre Alves Dias em seu depoimento inicial.” (NASCIMENTO, 2008, p.252).

Ainda que o crescimento populacional e urbano tivesse seu início entre os anos de 50 e 70, notamos que o período entre 1970-2010 representou o momento mais agudo das transformações no litoral olindense, motivo pelo qual selecionamos este recorte para a nossa pesquisa. Este crescimento na cidade repercutiu não só na transformação da sua paisagem, como no desenvolvimento das atividades econômica e do ensino: houve a

¹ Esta informação pode ser obtida através do Site da Prefeitura Municipal de Olinda. Disponível em: <https://www.olinda.pe.gov.br/> Acesso: 02/01/2021

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

criação da Faculdade de Olinda, criação de bairros através do financiamento do Banco Nacional de Habitação, em 1964, que resultou na construção de bairros, como Rio Doce, Ouro Preto, Vila Popular, Jardim Brasil (NASCIMENTO, 2008, p. 253). No entanto, um dos locais da cidade que mais sofreu com as transformações originadas do processo de crescimento de Olinda foi a sua orla, que aos poucos perdeu as suas características, sobretudo com o processo de verticalização em andamento.

Este tema foi fruto de um trabalho de Michele Santos, em sua dissertação de Mestrado em Geografia, *A expansão da verticalização no bairro de Casa Caiada, Olinda/PE (1990 a 2015)*, quando a autora descreve que antigos mocambos foram destruídos neste bairro para dar espaços aos arranha-céus. Nesta obra, a autora também expõe a situação presente na orla, como sendo alvo do ramo das construtoras. Vejamos esta citação:

Assim, não obstante a realidade litorânea brasileira, a valorização imobiliária do bairro de Casa Caiada, no que tange a sua orla, se deu em função de incentivos imobiliários. As parcerias com os diversos agentes estatais, promoveram o financiamento habitacional e de maneira morosa a implantação de obras de infraestrutura na orla marítima (SANTOS, 2016, p.22).

Porém, não foi apenas a orla de Casa Caiada que sofreu com este processo de verticalização: as praias de Bairro Novo e Rio Doce também passaram por diversas mudanças. Além da verticalização, ruas foram alargadas, alterando significativamente o cenário local. Essas transformações foram feitas para atender a demanda do mercado capitalista, de modo a tornar a orla um local mais valorizado. Podemos citar, como exemplo, a instalação do Hotel Quatro Rodas, na década de 80. Projetos de engenharia e arquitetura que acarretam a descaracterização do local e a elitização do espaço, motivo pelo qual os historiadores devem refletir sobre esta temática de modo a discutir a preservação das memórias individuais e coletivas dos agentes históricos.

Dentre as principais mudanças observadas, temos como exemplo o alargamento da avenida beira-mar, chamada de Avenida Ministro Marcos Freira. Com projetos de engenharia, entre os anos de 2004 a 2008, nas gestões dos Prefeitos Luciana Santos e Renildo Calheiros, a avenida passou a servir como um caminho que interligava Olinda à beira-mar do Janga. Ao longo desse trajeto, presenciamos a quantidade de arranha-céus

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que foram construídos, a exemplo dos edifícios *Samsara*, de 34 andares, e *Dune*, de 21 andares; ambos da construtora Romarco. O cenário da orla apresenta-se todo modificado, haja vista que, para a construção de novos edifícios, parte das moradias antigas e históricas foram destruídas – fruto do processo de desapropriação para o alargamento da via, entre Olinda e Janga.

Outros exemplos de objeto de estudo são a mudança de local do Hotel Samburá, antes situado no lado da praia, bem como a paisagem ao redor do hotel Quatro Rodas, até então, um dos poucos edifícios de grande porte da área. Parte desses registros podem ser acessados na página *Olinda de Antigamente*, da rede social Facebook. Nela, o administrador da página expõe fotos antigas da cidade, tanto de arquivos privados dos moradores, como também imagens disponibilizadas no site da Brasileira Fotográfica, no Arquivo Público Municipal Antonino Guimarães, de Olinda, e no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Assim, percebemos que Olinda é uma cidade em constantes transformações, das quais alteraram consideravelmente o seu cenário urbano

3. AS CIDADES E MEMÓRIAS: OLINDA, UMA CIDADE INVISÍVEL

O ineditismo deste trabalho, com o tema e conteúdo que pretendemos expor, acaba por se tornar ainda mais relevante, quando levarmos em consideração que ele nos permitirá fazer um resgate da memória do local, através também dos depoimentos orais dos seus moradores, que carregam consigo as experiências de vida, fator de suma importância para o historiador e sua pesquisa. O relato oral, quando acrescido da análise imagética, traz a possibilidade de estudarmos os atores sociais, neste processo, com dinâmicas sociais e ocupações de espaço de um modo ainda mais relevante. De acordo com Maurice Halbwachs, “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer, também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação.” (HALBWACHS, 2006, p.29).

Como nosso estudo pretende abordar a relação entre o progresso da cidade e a memória local, levaremos em consideração a influência que a obra *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, teve para motivação do nosso trabalho. Na obra em si, o autor expõe elementos das cidades como imaginação, localização, imaginário, transformações e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

recordações; as quais adentram nas memórias individuais e coletivas. Vide este trecho *As Cidades e a Memória*, sobre a cidade de Maurília e as transformações:

Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica, mas com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos. Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual, tomando cuidado, porém, em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual, todavia, só agora pode ser apreciada através dos velhos cartões-postais, enquanto antes, em presença da Maurília provinciana, não se via absolutamente nada de gracioso, e ver-se-ia ainda menos hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e que, de qualquer modo, a metrópole tem este atrativo adicional — que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi (CALVINO, 1990. p.15).

O Contraponto entre o passado e o presente citado por Calvino é o que pretendemos fazer com a cidade de Olinda e sua orla, onde identificamos a correlação do nosso estudo para com esta obra, quando o autor fala da cidade de Maurília, vista por “cartões postais”, que nada mais são do que imagens que um dia fizeram parte da cidade, mas que foram desaparecendo com a modernização. Essa correlação entre fotografias antigas e a memória do local pode ser corroborada com esta citação de Ulpiano Menezes:

Há imagens que se destinam programaticamente a terceirizar memórias, como é o caso do souvenir, do cartão postal e de outros objetos visuais. A imagem padroniza os modos de ver e promove a lembrança subjetiva que já estava paradoxalmente prevista e antecipada na própria produção em série, comercialmente oferecendo-se à escolha do consumidor (MENEZES, 2012, p.258).

No caso de Olinda, tais imagens despertam esta sensação dos seus moradores, de locais antes frequentados, habitados e que sofreram transformações. Assim, pode-se dizer que existia anteriormente uma cidade de Olinda, de muitas histórias, de muitos relatos, mas que se tornou uma “cidade invisível”, assim como Maurília, porém rica em memórias que não serão apagadas, senão resgatadas e preservadas para futuras gerações, sendo o nosso catálogo um instrumento que irá auxiliar nesta finalidade, pois, como cita José Barros D’Assunção:

A história e a memória entrelaçam-se nas memórias históricas para preencher uma função importante: quando a memória viva de determinados processos e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

acontecimentos começa a se dissolver através do desaparecimento natural das gerações que os vivenciaram, começa a se tornar ainda mais necessário um movimento de registro destas memórias (BARROS, 2009, p.53).

Desse modo, é importante que nossa análise leve em consideração estes elementos, atrelados ao discurso de modernização. Na historiografia brasileira, temos trabalhos que compreendem a relação das cidades e fotografias, vide o estudo da historiadora Zita Rosane Possamai, no artigo *Fotografia e Cidade*, a qual cita que “nessa perspectiva, a fotografia se colocou como instrumento capaz de construir uma representação visual do urbano, tornando a cidade colossal redutível a uma imagem bidimensional inteligível e ao alcance das mãos” (POSSAMAI, 2008, p.70). Ou seja, as imagens eram fontes de registros das cidades. Outro historiador que analisou os registros fotográficos da cidade foi Boris Kossoy, tendo uma grande contribuição com trabalhos acadêmicos que servem de embasamento para a nossa pesquisa, vide a sua obra *Fotografia e História (2012)*.

Na historiografia pernambucana, temos como exemplo da tese de Doutorado da professora Fabiana Bruce, *Caminhando numa cidade de luz e de sombras. A fotografia moderna no Recife na década de 1950*. No seu trabalho, é possível perceber elementos que expressam a relação do cenário urbano da capital pernambucana de acordo com as fotografias por ela analisadas, quando é feito um contraponto entre a modernidade das edificações nos bairros do Centro, em relação a outros locais do Recife: “se no Centro, o Recife era uma Metrópole, como uma “Veneza Brasileira”, nos bairros residenciais- Boa Vista, Madalena, Aflitos, Casa Amarela, a atmosfera era provinciana, o que não deixa de ser visto também como uma qualidade”(BRUCE, 2005, p.13).

Dessa forma, com o suporte teórico desses autores selecionados, pretendemos construir a nossa metodologia baseada na análise imagética da orla de Olinda, disponíveis nos arquivos públicos e nos álbuns privados dos moradores da orla. Convém destacar que faremos uma pesquisa de campo, no desafio de tentar reproduzir as imagens antigas através das lentes da atualidade, de modo a fotografar e fazer uma comparação entre o passado e o presente. Contaremos com a tecnologia de câmeras fotográficas digitais, drones e celulares, na captação das imagens atuais, a fim de enriquecermos o campo da pesquisa e do nosso catálogo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os usos da História Oral também são uma forma como forma de enfatizar o resgate à memória, sendo um elemento de grande relevância para nossa pesquisa. Convém destacar que esperamos, com a nossa discussão, incentivar maiores pesquisas sobre as cidades, o espaço urbano e as fotografias, com a finalidade de evitar a proliferação de intervenções desastrosas em outros cenários municipais.

CONCLUSÃO

Desejamos ao final do Mestrado produzir um catálogo imagético a respeito das fotografias analisadas entre os anos de 1970-2010, período de intensas transformações na paisagem urbana da orla de Olinda. Este catálogo pretende fazer com que as pessoas tenham maior valorização da memória do local onde residem, servindo de contribuição para a historiografia local. Pretendemos destinar como público-alvo os acadêmicos da área de História, bem como o público acadêmico de outras áreas das Ciências Humanas, sobretudo das Ciências Sociais e Antropologia. Além dos acadêmicos, esperamos massificar este catálogo para o público geral, sobretudo os moradores da cidade de Olinda, a fim de que conheçam parte da sua história, que não será esquecida, com a ajuda do nosso olhar atento e preservacionista dessa rica história.

O conteúdo do nosso catálogo levará em consideração o debate entre História e Fotografia, introduzindo aos leitores sobre como a História pode se valer dessa fonte de estudo para diversas análises do espaço urbano. Pretendemos, ao expor as imagens, atribuir uma legenda a cada fotografia, de modo a fazer um contraponto com a atualidade. Finalizaremos o catálogo expondo os depoimentos orais dos moradores, mediante a nossa síntese dessa operação historiográfica, levando-se em conta a memória e idiossincrasias desses atores sociais.

FONTES

- Fundação Joaquim Nabuco;
- Arquivo Público Municipal de Olinda Antonino Guimarães;
- Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - Pernambuco;
- Álbuns e registros de fotografias privados;

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

-Brasiliiana Fotográfica;

-Olinda de Antigamente- página da rede social Facebook;

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço**. Revista MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-jul. /2009

BRUCE, Fabiana. **Caminhando numa cidade de luz e de sombras. A fotografia moderna no Recife na década de 1950**. 2005. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

BAERS, João. **Olinda conquistada**. Recife: Typographia de Laemmut & C. Editores, 1898.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad.: Diogo Mainardi. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Peter. **Cidades do amanhã**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

KNAUSS, Paulo, **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**, ArtCultura, Uberlândia, vol.8, n.12, jan-jun 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Homenagem a Olinda Patrimônio Cultural da Humanidade**. In: Grandes Moinhos do Brasil S/A Indústrias Gerais, Relatório 82/83. Recife, 1983.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. **História e fotografia**. In: CARDOSO, Ciro F. E VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro, Elsevier; Campus, 2012.

MAUAD, Ana Maria. **O Poder em Foco- Imagens Reservadas de Homens Públicos, uma reflexão sobre fotografia e representação social**. *Diálogos - Revista do Departamentode História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 11, núm. 3, 2007, pp. 119-149

MENEZES, José Luiz Mota. **Olinda: evolução urbana**. In: CARITA, H.; ARAUJO, R. (Coord.) *Coleção de estudos universo urbanístico português – 1415-1822*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **História e imagem: iconografia/iconologia e além**. In: CARDOSO, Ciro Flama-rión; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Ensevier, 2012, pp. 243-262.

_____. **A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO. Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico**, *Revista Tempo*, 2002

NASCIMENTO, Eliane Maria Vasconcelos do. **Olinda: uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2008

PEREC, Georges. **Espèces d'espaces**. Paris: Galilée, 1974.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Fotografia e Cidade. Uberlândia**, v. 10, n. 16, p. 67-77, jan.-jun. 2008

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. **Legislação Básica Urbanística, Lei n.º 3.823/73**. In: Plano Diretor Local Integrado do Município de Olinda. Olinda:

PMO/Sociplan/Serfhau, 1973. v. IV.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SANTOS, Michele Kely Moraes. **A expansão da verticalização no bairro de Casa Caiada, Olinda/PE (1990 a 2015)**. 2016. 160 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SILVA, Luciana. **A verticalização do espaço urbano: o caso do bairro do Prado Recife/PE**. 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008

SILVA, Nathália Guedes da. **As cidades invisíveis e a memória: um estudo sobre espaço, tempo e imaginação na narrativa de Italo Calvino**. 2018. 115 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.